

## O que não se pode dizer... é preciso dizer Explorar a ilimitação do possível e da morte

Prof. Dr. Mário Bruno (UERJ/UFF) <sup>1</sup>

### **Resumo:**

*Em As palavras e as coisas, de Foucault, a morte o desejo e a lei nas suas relações com a linguagem na Idade Moderna: os limites do que pode ser dito e a experiência do Fora enquanto ilimitação do possível.*

**Palavras-chave:** experiência do Fora, desejo, morte, lei, linguagem.

### **Introdução**

#### **(Uma história restituída a Nietzsche ou a Foucault)**

O fim do homem (como limite antropológico factual) anuncia-se ao pensamento depois do fim do homem (como abertura determinada ou infinidade de um telos). (...) O nome do homem sempre se inscreveu na metafísica entre estes dois fins.

Jacques Derrida

O último pensador da morte de Deus foi Feuerbach: mostra que Deus era apenas um desdobramento do homem. Mesmo para Nietzsche, a morte de Deus já era uma velha história suscetível de versões cômicas ou variações humorísticas. O que lhe interessava era a morte do homem (DELEUZE, 1987. p. 175). Não na formulação de Malraux na qual a morte transforma a vida em destino, mas no sentido que irá conferir Foucault a esta questão: as forças no homem só são capazes de compor uma nova forma ao entrarem em relação com as forças do Fora (DELEUZE, 1987. p.176). Por isso, sobre a morte do homem não há porque verter lágrimas, o homem já havia se constituído nas dobras da sua finitude. Essa era a tese de Foucault, a forma homem não apareceu sem englobar a morte do homem, o homem nunca existiu fora das formas da finitude: “planos de organização da vida, da dispersão das línguas, da disparidade dos modos de produção” (DELEUZE, 1987. p.175), numa ontologia da aniquilação dos seres.

### **1 Além da representação**

De uma forma mais ou menos direta, nenhum texto, que trate de *As palavras e as coisas*, deixa de aludir ao problema da morte do homem. Naquela época, Foucault descrevia as formas da finitude que correspondiam à Idade Moderna. Hoje sabemos que a arqueologia não nos ofertava a chave total de um projeto mais amplo, mas nos dava a medida de certas desconfiças, inclusive em relação à finitude humana. O difícil era pensar um fim do homem que não caísse na cilada de ser “organizado por uma dialética da verdade e da negatividade” (DERRIDA, 1994. p.145). Acreditamos que isso conduziu Foucault a uma aposta, dando à psicanálise uma importância decisiva: o lugar freudiano foi visto como uma espécie de abertura e fechamento (DERRIDA, 1994. p.63) em relação ao que a modernidade conservou da era da representação.

Temos por certo que Foucault (FOUCAULT, 1981. p.260 e 261), em *As palavras e as coisas*, falava de duas fases da Idade Moderna. Na primeira fase, os grandes transcendentais objetivos (a Palavra de Deus, a Vontade, a Vida) só se fizeram possíveis na medida em que o domínio da representação se achou previamente limitado. O que tornava possível a representação era a descoberta de um campo transcendental “onde o sujeito jamais é dado à experiência (pois não é empírico), mas que é finito (pois não tem intuição intelectual)” (Ibidem. p.258). Neste horizonte,

Foucault encontrou as condições formais kantianas da experiência em geral. Esta abertura para o transcendental, que simetricamente interroga as “condições de uma relação entre as representações do lado do ser mesmo que aí se acha representado” (Ibidem. p.259), define o estatuto do homem moderno.

Com efeito, há que separar, nesse processo, uma segunda fase quase simétrica. Afigura-se que Foucault, após ter, apresentado progressivamente o movimento conceitual que engendrou o aparecimento do homem, nos aponta para a dissolução do homem. Percebemos que aí mudamos de elemento, entramos numa outra dimensão, no abismo da desorganização dos corpos e dos desejos. Não obstante, o curioso é que Foucault, ao referir-se a essa mudança, estabelece um determinante excuro sobre as relações entre a *psicanálise* e a *finitude*.

Há aí um giro e uma ruptura. Diz Foucault que a psicanálise, ao fazer falar o discurso do inconsciente, avança nessa região fundamental onde se efetuam as relações entre a representação e a finitude. Enquanto as ciências contemporâneas dirigem-se ao inconsciente, virando-lhe as costas, a psicanálise aponta diretamente para ele. Com olhar voltado no sentido contrário das ciências humanas, a psicanálise se encaminha em direção ao ponto, inacessível por definição, em que os conteúdos da consciência se articulam, ou melhor, ficam abertos para a finitude do homem. A psicanálise avança para *transpor a representação*, ultrapassá-la do lado da finitude, lá onde as ciências humanas encontraram os conflitos carregados de regras e as significações formando sistemas. Para além do sistema (significação), da regra (oposição) e norma (função), suspensa à margem do fechamento da finitude, a psicanálise permite que nos deparemos com as condições da finitude fundadas, “na repetição muda da Morte” (Ibidem. p.391), com conflitos e regras, “na abertura desnudada do Desejo” (Ibidem. p.391), com as “significações e os sistemas que é ao mesmo tempo Lei” (Ibidem. p.391).

Ninguém ignora as objeções dos filósofos e dos psicólogos às teorias freudianas. Para ambos, por se fundamentarem num saber formulado no representável, o pensamento freudiano parecia remeter a uma mitologia (FOUCAULT, 1981. p.391-2.). Todavia, no tocante a essa questão, Foucault (Ibidem. p.392) objetou que as figuras da finitude, encontráveis na psicanálise, não são imaginárias, se vistas à luz do pensamento moderno.

Eis porque, tomando uma via original, Foucault (Ibidem. p.392) desdobrou três indagações em torno da relação psicanalítica com a finitude:

1ª) não corresponderia, para a psicanálise, a *morte* à reduplicação do *empírico-transcendental*?

2ª) não seria o *desejo* o que permanece *impensado* em relação ao pensamento?

3ª) não seria a Lei-Linguagem aquilo em que toda significação assume uma *origem*?

Se acompanharmos o pensamento de Foucault, observaremos que, para ele, a Morte, o Desejo e a Lei, não pertencem à positividade do saber empírico. A razão é que as figuras desse triângulo da finitude “designam as condições de possibilidade de todo o saber sobre o homem” (Ibidem. p.392).

Encontra-se, aqui, também, a preocupação de Foucault com a questão da loucura como se dá à experiência moderna, como sua verdade e alteridade. Neste sentido, temos de considerar: a Lei-linguagem pensada para fora de toda significação como se fosse um grande sistema vazio; o Desejo reinando em estado selvagem; a Morte dominando e se colocando acima de toda função psicológica. Essas três figuras nos mostram que a loucura não é mais a razão extraviada como a experimentamos no século XVI. A questão do louco como alteridade evidencia que a finitude se coloca diante de nós como ao mesmo tempo “real e impossível, pensamento que não podemos pensar, objeto para o nosso saber mas que a ele se furta sempre” (Ibidem. p.392). Não é à toa que a psicanálise vê a esquizofrenia como seu íntimo e seu tormento invencível. A psicanálise expõe uma iluminação cruel, oferecendo de modo longínquo o que é demasiado próximo. E, com certeza, é em direção a esse longínquo-próximo que a análise deve caminhar.

Mas há uma outra consequência da relação da psicanálise com o que a torna possível (as formas da finitude): a psicanálise não pode se desenvolver como puro conhecimento especulativo.

A psicanálise não pode atravessar por inteiro o campo da representação na forma de ciência empírica construída a partir de observações cuidadosas. Não é só o conhecimento que está em jogo na travessia psicanalítica, ela pressupõe as três condições da finitude: “essa Morte que age no seu sofrimento, esse Desejo que perdeu seu objeto e essa linguagem pela qual, através da qual se articula silenciosamente sua Lei” (Ibidem. p.393). O saber analítico, ligado a uma prática, funda-se numa escuta da linguagem do outro, “libertando assim seu desejo de objeto que ele perdeu (fazendo-o entender que o perdeu) e libertando-o da vizinhança sempre repetida da morte (fazendo-o entender que um dia morrerá)” (Ibidem. p.393). Sendo assim, a psicanálise não é uma teoria geral do homem. Para Foucault (Ibidem. p.393), nada é mais estranho à psicanálise do que uma antropologia. A idéia de uma psicanálise da “natureza humana”, uma antropologia psicanalítica, não passa de uma pretensão ruim. A psicanálise não se estrutura a partir do conceito de homem, pois se dirige sempre ao que constitui seus limites exteriores. E em relação às ciências humanas, afirma Foucault (Ibidem. p.336), a psicanálise é uma “contra-ciência”, racional, objetiva, mas que não cessa de desfazer esse homem que nas “ciências humanas” faz e refaz sua positividade.

## **2 Uma teoria pura da linguagem**

Examinemos mais de perto o que nos diz Foucault (Ibidem. p.397). Para ele, a grande descoberta é que o inconsciente possui uma estrutura formal (descoberta ou invenção conceitual?). Sendo assim, a psicanálise vai da elisão aparente do significado na neurose à lacuna no sistema significante por onde irá manifestar-se. Em virtude dessa estrutura formal, a psicanálise aproxima-se da etnologia: a cadeia significante pela qual se constitui a experiência do indivíduo é inseparável de um sistema a partir do qual se constituem as significações de uma cultura. Com certeza, Foucault faz alusão à busca de uma teoria pura da linguagem capaz de fornecer um modelo formal à etnologia e à psicanálise.

Cabe acrescentar que a lingüística, segundo *As palavras e as coisas* (Ibidem. p.398), enquanto ciência fundada na ordem das positivities exteriores ao homem (pois tem como matéria a linguagem pura), atravessa o espaço das “ciências humanas” e atinge a finitude. A linguagem é vista, aqui, como uma positividade fundamental que oferece as condições de possibilidade para o pensamento. A lingüística ocupa o papel outrora atribuído à biologia e à economia no século XIX e início do século XX. A lingüística é o que poderia permitir a unificação das “ciências humanas”. Porém, assim como a etnologia e a psicanálise, a lingüística não fala do homem. A lingüística conduz o homem ao seu fim. Pelo menos, assim pensava Foucault nos anos 60. O que não deixa de ser problemático, pois em apreciações posteriores negará ter sido estruturalista.

## **3 A região informe, não-significante: o Fora**

Eis que este itinerário fecha seu círculo. Saindo da lingüística, e passando para o campo da literatura, Foucault (Ibidem. p.400) afirmou que a busca do ser da linguagem remete a Nietzsche e a Mallarmé. Esta constatação o leva a afirmar que a literatura, nos dias de hoje, se vê fascinada pelo ser da linguagem. Essa literatura faz valer, em sua vivacidade, as formas fundamentais da finitude. Colocando o homem nas margens que o limitam, essa nova literatura anuncia que o homem é finito. Foucault (Ibidem. p.400 e 401) citou, para exemplificar essa questão, Artaud, Roussel, Kafka, Bataille e Blanchot. Com Artaud, a linguagem recusada como discurso, retoma a violência plástica do choque e remete ao grito, ao corpo torturado, à materialidade do pensamento. Em Roussel, a linguagem fractalizada pelo acaso, relaciona-se com a repetição da morte e com o enigma das origens desdobradas. Mas essa prova das formas da finitude não pode ser suportada, por isso, acaba se manifestando na loucura. A figura da finitude nos remete ao além dela, à região informe,

muda, não-significante (um Fora) que permite à linguagem liberar-se. É nesse espaço a descoberto que a literatura irá manifestar-se através de Kafka, Bataille e Blanchot e outros.

Escapando ao círculo lógico (lingüístico-matemático), Foucault (Ibidem. p.401) verifica que nessa experiência no campo da literatura, a linguagem posta a nu não é uma mera dobra narcísica da escrita sobre si, nem um desdobramento da cultura ocidental que se inicia no século XIX. É preciso compreender essa experiência no interior do desenho cerrado da *epistême* moderna. O que se passa nessa experiência contemporânea foi instaurado pela problematização da finitude, tarefa que a crítica kantiana prescreveu para o pensamento. Afirma Foucault: “tudo isto forma ainda o espaço imediato de nossa reflexão. É neste lugar que nós pensamos.” (Ibidem. p.401).

Entendamo-nos, porém, nessa via, sobre aquilo que pretendemos assinalar na obra de Foucault. Já não é mais a questão da morte (ou ausência de Deus), trata-se do fim do homem, ou do “fim-próximo do homem” (DERRIDA, s.d.. p.143). É o último homem quem deve responder por sua própria finitude. Pois, de acordo com Foucault, é “este tênue, este imperceptível recuo na forma de identidade que faz com que a finitude do homem tenha se tornado o seu fim” (FOUCAULT, 1981. p.402). Para Foucault (FOUCAULT, 1981. p.402), nessa profunda história ocidental do Mesmo (composta de identidades, semelhanças, equivalências, etc.), uma figura, de data recente, está prestes a desaparecer: o homem. Podemos completar com o dito: “o homem não sobrevive a Deus, nem a identidade do sujeito sobrevive à identidade da substância” (DELEUZE, 1988. p.16).

Esclareça-se, a tempo, isto significa a “falência da representação” (Ibidem. p.16). Todavia, em *As palavras e as coisas*, ainda não estava muito claro para Foucault que forças, que realidades, que aspectos esse caráter derradeiro da representação estava impelido a expressar?

#### **4 Para além da reflexão**

Analisemos um pouco uma forma de experiência que apareceu (ou reapareceu?) na segunda metade do século XIX, a qual dilui aquele que fala a linguagem discursiva se solta na violência do corpo. Quanto a essa experiência, Foucault encontrava em Blanchot não somente uma testemunha. Tratava-se de falar de um Fora e Foucault sabia que era uma tarefa de extrema dificuldade. Ele via que o pensamento reflexivo tende a transformar a experiência do Fora numa experiência interior, reconciliando-a com a consciência do vivido. Compreendeu nisso a necessidade do escritor desalojar a linguagem, levando-a ao seu limite, o qual se desencadeia num silêncio que não é intimidade: um vazio que se apaga e se desencadeia num rumor. Para mais, Foucault percebeu que Blanchot negava seu próprio discurso, fazendo-o passar fora de si, despojando os enunciados do seu “querer-dizer”, tornando-os livres para um começo que é pura origem, mas que também é recomeço (o vazio tem apenas a si mesmo como o princípio e a linguagem aí escava a si própria). O que Foucault e Blanchot encontraram foi a erosão infinita do Fora, o discurso que aparece sem conclusão, sem imagem, sem verdade, sem teatro, sem máscara: o singular modo de ser do discurso.

#### **5 Atração e/ou desejo**

Diz-nos Foucault (FOUCAULT, 2001. p.227) que a atração é para Blanchot o que é o desejo para Sade, a força para Nietzsche, a materialidade para Artaud, a transgressão para Bataille. Noutras palavras, a atração é a experiência do Fora. Ser atraído e experimentar no vazio e no desnudamento a presença irremediavelmente fora do exterior. Ela nos lança sem proteção, sem moderação a algo mais que ao aberto: um infinito fora de qualquer fechamento. Não obstante, o que está em questão é uma abertura da qual não podemos ter nenhuma experiência positiva: uma ausência que se retira para o mais longe dela mesma. A atração não tem nada mais a oferecer senão o vazio que se abre infinitamente (FOUCAULT, 2001. p.227). Ela tem como correlato a negligência. Pensemos, aqui, uma negligência essencial, para além de todos os valores de uso e de

troca, que torna nulo o que estamos fazendo. Podemos tomar essa negligência como a outra face de um zelo, ou um “sorge” (cuidado) (FOUCAULT, 2001. p. 228), talvez próximo ao sentido heideggeriano de “cuidado”. Cabe lembrar o papel que tinha o cuidado na analítica de Heidegger. Para ele o cuidado é o termo para o ser do Dasein puro e simples. O ser do Dasein é uma totalidade articulada, uma dobra. O sentido do cuidado é a temporalidade, um fora de si originário: a própria exterioridade enquanto desdobramento de tudo o que é.

Eis a dificuldade e a tentação do crítico, ler ou não ler Foucault e Blanchot à luz de Heidegger? Era talvez inevitável a referência, mas procuraremos nos manter, aqui, na analítica do “Pensamento do Fora”. Sendo assim, nesse quase paradoxo, negligência e zelo tornam-se figuras infinitamente reversíveis (FOUCAULT, 2001. p.229). Para que as coisas sejam o que são é preciso que a atração, deixando o tempo passar e retornar desfaça, na negligência e no zelo, todas as figuras da interioridade. Diz Foucault:

Fica-se atraído na mesma medida em que se é negligenciado; e porque seria preciso que o zelo consistisse em negligenciar essa negligência, em se tornar a si próprio preocupação corajosamente negligente, em avançar em direção à luz, na negligência da sombra, até o momento em que se descobre que a luz não passa de negligência, puro exterior equivalente à noite que dispersa, como uma candeia que se apaga, o zelo negligente que foi atraído por ela. (FOUCAULT, 2001. p.229 e 230)

## **6 A lei fora de si**

Foucault prossegue sua leitura de Blanchot analisando o papel da Lei. Na perspectiva foucaultiana, ser atraído é uma maneira de dissimular a Lei. Tratava-se de uma interpretação oblíqua de Blanchot, conjugando Lei e desejo em torno de um certo sentido de invisibilidade. Foucault se detém aqui no estudo de um personagem blanchotiano: Sorge. Cujo nome já nos remete à idéia de cuidado, ele é uma espécie de “Orestes ciosos de escapar da lei para melhor se submeter a ela” (FOUCAULT, 2001. p.233). O que está em questão neste ponto é uma Lei sempre recuada, imóvel na sua relação com o vazio, com o Fora.

## **Conclusão**

### **(A repetição muda da morte)**

No cerne da experiência do Fora, a existência da Lei torna possível a transgressão. O homem transgride as leis que o cercam ao explorar a ilimitação do possível e da morte. A vertigem do desejo aponta para a identidade impossível do homem, para a experiência da finitude e da linguagem como Lei. A analítica da finitude confunde-se aqui com a experiência do Fora: o puro exterior da origem é o exterior sempre recomeçado da morte. Entendemos que nessa abordagem foucaultiana da Lei havia um pouco de Lacan e de Bataille. Para Foucault no homem e na natureza subsistem movimentos que sempre excedem nos limites, consomem-se como dom, crime, jogo, destruição e morte. A morte é a repetição do início e a origem e a transparência do que não tem fim.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. José Carlos Rodrigues. Lisboa: Vega, 1987.
- [2] DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães. Porto: Rés, sd.
- [3] \_\_\_\_\_. Fazer justiça a Freud. In: *Leituras da história da loucura*. Trad. Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- [4] FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- [5] \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos VIII*. Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado. RJ: Forense Universitária. 2001.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> **Mário BRUNO, Prof. Dr.**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Universidade Federal Fluminense (UFF)

[mariobrunouerj@yahoo.com.br](mailto:mariobrunouerj@yahoo.com.br)